

Videoaula 1 – semana 11

Este texto de apoio foi extraído do primeiro capítulo do livro “A Meditação dos Yoguis”, de Carlos Eduardo G. Barbosa, publicado pela Traço Editora, São Paulo, em 2011.

Quem são os Nathas

A seita dos Nathas (Natha Sampradaya) surgiu na Índia por volta do século VIII de nossa Era em meio a um intenso movimento de manifestação literária de grupos relacionados à cultura tântrica. Surgiu na região de Bengala e logo tinha simpatizantes e adeptos por todo o território do subcontinente indiano. Pouco se sabe sobre suas origens, pois a história que os Nathas contam sobre si mesmos é mítica.

É bom que você saiba, antes de mais nada, que devemos aos Nathas a existência do yoga, hoje. Eles resgataram o yoga doutrinário de Patanjali, que andava meio esquecido por volta da virada do primeiro milênio de nossa Era, e deram a ele uma vitalidade imensa, tornando-o uma prática desejável e acessível a um grande número de pessoas. Sem eles, não teríamos essa prática saudável como herança dos sábios gurus da Índia.

Seu fundador pode ter sido um lendário pensador chamado Matsyendranatha que teria nascido no atual território do Rajastão, mas tudo o que se diz sobre ele faz parte de lendas ou folclore regionais. Matsyendranatha teria sido o mestre (guru) de outro pensador, estabelecido na região de Bengala, cujo nome era Gorakshanatha. A este segundo natha se atribui a criação do Hatha Yoga.

Gorakshanatha viveu por volta do séc. XI de nossa Era. Seu pensamento definiu as principais linhas doutrinárias adotadas pelos Nathas. Gorakshanatha era celibatário e temperamental, mas sua atitude perante a vida humana e a natureza promoveram uma revolução no pensamento indiano. Em pouco tempo já havia se tornado uma lenda viva e após sua morte, se tornou o deus patrono do Nepal, para os hindus (e Matsyendranatha, na forma do Buda Avalokiteshvara, também se tornou o patrono do Nepal, para os budistas).

O Natha Sampradaya foi a única seita hindu respeitada pelos governantes islâmicos da Índia a ponto de ser autorizada a celebrar publicamente seus rituais e propagar seus ensinamentos. Muitos islâmicos aderiram à seita, que não exigia a conversão ao Hinduísmo religioso, mas distribuía conhecimentos que eram tidos em alta conta pela elite intelectual da época.

Entre as muitas coisas que se diz sobre os Nathas, se destacam a crença de que eles conheciam o segredo da imortalidade – ou pelo menos a extensão da duração da vida por um longo período – e a história segundo a qual teria sido o próprio deus Shiva (Adi Natha) o verdadeiro fundador da seita.

Intelectuais e dedicados ao estudo de questões sutis da filosofia, os Nathas, no entanto, souberam trazer para a realidade material os seus ensinamentos. O corpo humano teve sua dignidade destacada pela seita, que não faz distinção entre o material e o espiritual, pois ambos fazem parte de um mesmo tecido. O corpo é, portanto, tratado como a parte visível do espírito – e respeitado como tal.

Sua dedicação a uma vida disciplinada e devotada à prática do bem faz deles merecedores da designação “siddha”, que identifica um movimento iniciático muito ativo no norte da Índia – e que produziu a mais extraordinária doutrina filosófica do Hinduísmo, chamada Pratyabhijña (“reconhecimento de si mesmo”). A palavra “siddha” significa “perfeito”, que é como o povo enxergava a condição moral e espiritual desses indivíduos. O grande Gorakshanatha cita em sua obra vários trechos da literatura siddha da Cachemira, sobre os quais fundamentou a sua visão peculiar da libertação espiritual e do yoga.

Apesar da admiração popular de que eram objeto, os Nathas foram alvo de perseguição por parte de alguns intelectuais hindus da elite, que haviam alcançado gordos privilégios econômicos durante o governo islâmico da Índia, e suas doutrinas foram desfiguradas por esses perseguidores e apresentadas ao mundo como se fossem uma aberração. Isso só aconteceu por causa do apoio que os Nathas deram a líderes nacionalistas que lutavam em favor de um governo não-islâmico, no final do século XVII (na época em que o Taj Mahal ainda era um mausoléu recém construído).

O imperador Aurangzeb, que estimulou em seus zamindares (brâmanes privilegiados que ganhavam o direito de coletar impostos e reter uma

parcela desse dinheiro para si mesmos) aquela perseguição aos Nathas, era uma pessoa moralmente doente. Ele foi o primeiro grande líder a promover perseguições religiosas na Índia – entre as quais se destaca a brutal chacina que promoveu contra os Sikhs. Cego de ambição, Aurangzeb não percebeu a força moral dos Nathas e com isso a Índia fechou seus olhos para um de seus mais inspirados movimentos culturais, que passou a existir apenas clandestinamente.

Os debates que os Nathas promoviam no passado hoje não mais acontecem. Por causa da perseguição, a seita se ocultou e raramente se encontra uma comunidade Natha que ainda preserve intocadas as suas antigas tradições. Estudiosos se dedicam à tentativa de compreender e restaurar suas obras literárias e suas doutrinas essenciais. Porém, mesmo em lugares que têm a marca histórica da seita, como a cidade de Gorakhpur, acaba por prevalecer uma interpretação moderna e ocidentalizada do Nathismo. Talvez isso aconteça porque os eruditos que se dedicam a tentar esclarecer o pensamento Natha estejam inadvertidamente buscando referências junto àqueles que até há pouco estavam perseguindo os Nathas e denegrindo suas obras. Entre esses perseguidores estão também estrangeiros, como os colonizadores britânicos, que venceram os Mogules, mas governaram com os mesmos vícios morais de Aurangzeb.

Por essa razão, se você quiser conhecer essa lendária seita com um pouco mais de intimidade, a melhor maneira ainda é pela leitura direta dos livros que eles produziram. Obras como a Hatha Yoga Pradipika ou Gheranda Samhita são facilmente encontradas traduzidas do Sânscrito para diversas outras línguas. Outras obras, como a Siddha Siddhanta Paddhati, têm pouca divulgação, apesar de sua grande importância para a história da seita.